

no cânone venezuelano e hispano-americano. No entanto, como refere Wendorff, Tapia “entró en el repertorio literario durante la primera década del siglo XXI”, com o governo de Hugo Chávez, apesar de ter nascido em 1928 e de ter começado a escrever bastante jovem. A relação da sua obra literária com o cenário cultural, social e político é, pois, bastante complexo.

ISABEL ARAÚJO BRANCO

CHAM- Universidade Nova de Lisboa

isabelaraujobranco@gmail.com

https://doi.org/10.14195/2183-1718_68_15

FINGLASS, P.J. and KELLY, A. (eds.), *Stesichorus in Context*, 211 pp., Cambridge University Press, Cambridge, 2015, ISBN 978-1-107-06973-2

Recensão recebida a 29-02-2016 e aprovada a 25-05-2016

A obra de Estesícoro de Hímera materializa, de forma tão arrebatadora quanto irónica, a constante, e por vezes súbita, alteração do estado do conhecimento moderno dos poetas da Grécia arcaica que as areias do Egito continuam a proporcionar. O legado do poeta de Hímera perdeu-se desde o séc. III d. C. até à segunda metade no séc. XX. Durante este período nada sabíamos do *corpus* de Estesícoro a não ser alguns comentários e citações de autores antigos. Desde as publicações dos papiros em meados da década de 50 até 1990 o interesse pela obra deste poeta tem crescido consideravelmente, sobretudo nos últimos 15 anos, em que se verifica um considerável aumento de publicações dedicadas a Estesícoro, não só em artigos, mas também em edições da sua obra.¹ O volume *Stesichorus in Context*, editado por Patrick Finglass e Adrian Kelly, surge da necessidade de preencher algumas lacunas ainda existentes no estudo de Estesícoro, lançando novos desafios aos estudiosos deste poeta. Volvidas seis décadas desde o aparecimento do primeiro papiro atribuído a Estesícoro, urge situar

¹ No espaço de onze anos vieram a lume duas edições parcelares de Estesícoro e uma completa: Schade, G. 2003, *Stesichorus. Papyrus Oxyrhynchus 2359, 3876, 2619, 2803*. Leiden – Boston – Köln; Curtis, P. 2011, *Stesichoros' Geryoneis*. Leiden – Boston; Davies, M. and Finglass, P. J. 2014, *Stesichorus. The Poems*. Cambridge.

o poeta no seu tempo, estudar e discutir o diálogo que este propõem com os seus antecessores e o legado que deixou para a posteridade. Nesse sentido, os estudiosos de renome que contribuíram para este volume discutem aspetos da obra do poeta de Hímera no seu todo, em diálogo com outros autores, outros géneros e outros períodos (p. 13), em detrimento de uma análise mais pormenorizada de poemas isolados.

A organização deste volume – que resulta das comunicações apresentadas na *International Conference on Stesichorus* organizada pelos editores em junho de 2012 em Oxford² – contempla uma introdução (pp. 1-18) e três partes, sendo a primeira intitulada *Stesichorus and Epic*, a segunda *Stesichorean Poetics*, e a terceira *Reception and Influence*. O volume conta ainda com uma extensa bibliografia atualizada (pp. 186-204), índices de temas (pp. 205-207), de conceitos gregos (p. 208) e um *index locorum* (pp. 209-211).

A introdução da autoria dos editores oferece um completo mas sucinto estado de arte dos estudos sobre Estesícoro. Neste capítulo introdutório percorre-se a história bibliográfica do poeta de Hímera, desde a sua primeira edição, pela mão de Michael Neander em 1554, até à edição mais recente por Malcolm Davies e Patrick Finglass, de 2014, destacando outros momentos importantes, como o aparecimento dos papiros e breves notas sobre a mais recente investigação sobre o poeta.

A primeira parte do volume, intitulada *Stesichorus and Epic*, conta com três capítulos que versam sobre a relação de Estesícoro com a épica. Adrian Kelly, no capítulo “Stesichorus and Homer” (pp. 21-44), discute a dinâmica alusiva da obra de Estesícoro relativamente à poesia de Homero como algo distinto do que acontece com outros líricos, como Safo, Alceu e Alcman. De acordo com Kelly, quando alude a Homero, Estesícoro não se limita a expandir determinados episódios homéricos. A originalidade do poeta de Hímera residirá precisamente nos episódios de evidente influência homérica aplicados a contextos distintos, como é o caso do discurso de Calíroo na *Gerioneida* (fr. 17 F.), atingindo assim um novo conceito de intertextualidade entre os poetas líricos arcaicos (p. 44). No capítulo seguinte, Chris Carey explora a relação de Estesícoro com o Ciclo Épico (pp. 45-62). Carey discute as questões performativas do Ciclo Épico (pp. 45-50), bem como a dívida de Estesícoro para com a tradição rapsódica na performance. As implicações de mobilidade poética no século VII e VI

² Com a exceção da contribuição de Laura Swift 2015: 125-144.

a.C. (pp. 52-54) e o modo como estes fatores condicionaram a própria obra de Estesícoro são também objeto de reflexão. Carey nota ainda, na linha do que defende Kelly, que à semelhança do que acontece nos poemas do Ciclo Épico, Estesícoro procura não invadir o espaço narrativo de Homero, trabalhando, ao invés, em torno do espectro narrativo do poeta de Quios. ‘Epic, Lyric, and Lyric Epic’, naquilo que terá sido uma das últimas contribuições de Martin West, fecha a primeira parte do volume com o estudo da categorização da obra de Estesícoro entre épica e lírica (apresentando os pontos distintivos da obra do poeta relativamente aos dois géneros), criando assim um género híbrido a que chama *Épica Lírica*, influenciado em parte pela tradição citaródica. West volta a defender a atribuição do fr. S166 de Íbico a Estesícoro (pp. 71-74) com base no silêncio das fontes relativamente a uma possível ligação de Íbico a Esparta. Apesar de repetir os argumentos de 1971 no que concerne a performance estesicoreana e a sua possível semelhança ao contexto citaródico (pp. 75-80), é de relevar o tom menos severo e a aceitação mais declarada da existência de um coro mudo durante as performances dos poemas do Himerense.³

A segunda parte do volume - *Stesichorean poetics* – é dedicada ao estudo da mestria narrativa de Estesícoro, por Patrick Finglass, e à discussão, por Ian Rutherford, da autenticidade de *Calice* (fr. 326), *Radine* (fr. 327) e *Dafnis* (fr. 323). Finglass discute a técnica narrativa de três poemas de Estesícoro: *Cicno*, *Tebaida*, e *Helena*. Não obstante o estado fragmentário destes poemas, sobretudo *Cicno*, do qual só sobrevivem testemunhos Finglass mostra como os escólios e fragmentos de menor extensão são importantes fontes, tão frequentemente ignoradas, para a reconstrução e estudo da técnica narrativa de Estesícoro. Ian Rutherford, por sua vez, discute os três poemas, tradicionalmente considerados espúrios pelo seu tema amoroso e o seu distanciamento das narrativas associadas a grandes genealogias míticas. Sendo certa a necessidade de abordar este tema com a devida cautela, em muito motivada pela própria falta de rigor das fontes que atribuem estes títulos ao nosso poeta, a verdade é que, como conclui Rutherford, a ligação deste tipo de narrativas ao nome de Estesícoro deve conduzir a uma reavaliação da tendência escolástica de olhar para o poeta de Hímera como exclusivamente dedicado à grande poesia heróica.

‘Reception and Influence’, a terceira e última parte do volume, mostra como o nome e a obra de Estesícoro atravessaram os tempos. Mais atenção

³ Cf. West, M. L. 1971, “Stesichorus”, *CQ* 21: 307-309.

é dada à recepção de Estesícoro na Antiguidade, que conta com três capítulos, sobrando apenas um dedicado ao percurso do legado do poeta de Hímera na voz de autores modernos. Ewen Bowie especula sobre a enigmática informação do *Marmor Parium*, segundo a qual Estesícoro chegou à Hélade em 485/4. Sendo que a datação aceite para Estesícoro de Hímera é incompatível com esta informação, Bowie propõe que o *Marmor* não se refere à presença em Atenas do poeta, mas sim à apresentação da sua obra, executada a propósito dos festivais atenienses que nos inícios do séc. V a.C. sofreram alterações como a introdução de coros cómicos nas Dionisiacas em 488/7 (p. 118). Todavia, a reposição das obras de Estesícoro (se é a isso que se refere o *Marmor*) não contraria a possibilidade da deslocação do próprio poeta a Atenas e a outras regiões da Grécia continental, como, de resto, a amplitude geográfica e genealógica da sua obra parece indicar (pp. 120-124). Laura Swift discute a já múltiplas vezes reconhecida, mas pouco aprofundada, influência de Estesícoro, concretamente das suas *Oresteia* e *Tebaida* na tragédia. A autora mostra como o diálogo entre lírica e tragédia é mais alusivo do que intertextual (p. 125). É na caracterização das personagens (e.g. a rainha da *Tebaida* e a Jocasta de Sófocles ou de Eurípidés, pp. 143-4), na versão do mito e da narrativa que a alusão a Estesícoro se evidencia. Um detalhe inovador do mito, atribuído a Estesícoro, como por exemplo a serpente no sonho de Clitemnestra, resulta numa alusão mais eficaz do que qualquer intertextualidade (p. 144). Richard Hunter, num estudo dedicado aos paralelos entre o nosso poeta e Teócrito, começa por analisar a recepção e classificação da poesia de Estesícoro na teoria retórica, particularmente em Hermógenes (Stes. Tb28 Ercoles) e Dionísio de Halicarnasso (*De comp. Verb.* 24.5) e até que ponto a figura do poeta de Hímera não deve o seu destaque ao facto de a sua *Palinódia* constar de - e até moldar em parte - um dos diálogos platónicos mais recorrentemente citados ao longo do tratado: o *Fedro*. Na segunda parte do capítulo, Hunter investiga os possíveis paralelos entre a *Helena* de Estesícoro e o *Idílio* 18 de Teócrito, mobilizando para a discussão outras peças da literatura grega onde Helena assume um papel de relevo (e.g. *Od.* 4.563-9; *Sapph.* fr. 16, 23 V; *Alc.* fr. 42, 283; *Iso.* *Helen* 62-4; *Gorg. Hel.*1). ‘Stesichorus’ readers – From Pierre de Ronsard to Anne Carson’, por Gerson Schade, fecha o volume com um percurso literário desde o Renascimento aos nossos dias pelos poetas que, não obstante os seu desconhecimento quase completo da obra de Estesícoro, conservaram a memória do poeta como um vulto incontornável da literatura grega e europeia. Schade nota como a *Palinódia* é recorrente

nos poetas franceses e italianos do séc. XVI (pp. 165-175) e como a partir do séc. XVII a sua presença decresce significativamente (p. 177). O séc. XX testemunhou o reaparecimento da obra de Estesícoro, que espoletou o crescente interesse pelo poeta. Anne Carson merece uma secção dedicada em exclusivo ao seu *Autobiography of Red* pela diferença que estabelece entre o que até então tinha sido feito em relação à receção de Estesícoro: Carson reformula a *Gerioneida* de Estesícoro dando-lhe um enquadramento temporal contemporâneo, sem abolir o espectro do mito grego e os detalhes da poesia de Estesícoro para os quais Schade remete de forma esclarecedora (pp. 179-185), evidenciando assim o diálogo comovente entre as duas obras.

Apesar de apresentar um certo desequilíbrio no tratamento de alguns temas e detrimento de outros, *Stesichorus in Context* permite ao leitor enquadrar a obra de Estesícoro no seu contexto literário, fornecendo importantes pistas sobre os grandes debates em torno deste nome maior da poesia grega arcaica. O volume abre, assim, caminho a novas abordagens e desafios com que, inevitavelmente, se deparam os estudiosos de Estesícoro de Hímera, oferecendo também um completo e acessível enquadramento do poeta e do seu contributo para a literatura grega.

SOFIA GIL CARVALHO

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra
sophiarhobur@gmail.com

https://doi.org/10.14195/2183-1718_68_16

GARCÍA GUAL, Carlos, *La venganza de Alcmeón. Un mito olvidado*, 106 pp., Madrid, Fondo de Cultura Económica, 2014, ISBN: 978-84-375-0707-1

Recensão recebida a 10-06-2016 e aprovada a 25-07-2016

Para los antiguos griegos el mito de Alcmeón era tan conocido que hasta los niños lo recitaban de memoria. Al menos esto es lo que contaba el erudito Ateneo con unas palabras que recoge Carlos García Gual al inicio de su estudio: *Basta con que el poeta haga una alusión a la memoria. / Porque, en cuanto nombra a Edipo, / todos conocen el resto del asunto: que su padre era Layo, / su madre Yocasta, quiénes eran sus hijas y sus hijos, / y lo que tuvo que sufrir y todo cuanto hizo. / Y si, en otro caso, uno nombra a Alcmeón, hasta los niños / recitan todo de un tirón: que,*